

O DESAFIO DA MATURIDADE

A URGÊNCIA DA FELICIDADE

Transcrição do encontro de Davide Proserpi e Francesco Barberis com os formandos dos Colegiais¹

por videoconferência de Milão, 29 de maio de 2022

Cantos: *Haja o que houver*²
La strada

Francesco Barberis. Este caminho é realmente bonito porque, «haja o que houver», como ouvimos, «eu estou aqui», nós estamos aqui e esperamos algo grande também esta noite. Boa noite a todos, agradeço em especial a presença de Davide conosco, agradeço aos formandos aqui presentes e aos que estão online, aos jovens do quarto ano e aos adultos presentes e à distância. É evidente que, depois da apresentação de «*A voz única do ideal*» que padre Andrea fez há alguns meses, continua havendo – e na realidade espero que haja sempre – uma luta, uma batalha em ação entre a «voz» do ideal, a voz que nos impele a não nos contentarmos nunca, e as circunstâncias que (como li em muitas das mensagens que vocês enviaram) às vezes parecem, sobretudo neste final de ano, nos esmagar ou até ir contra essa voz. Fiquei impressionado ao ler algumas palavras nas mensagens de vocês: «ideal», «destino», «presenças significativas», mas também «dificuldades» e «sacrifício». Evidentemente, nos últimos meses elas assumiram um peso novo, e nos colocaram diante das palavras de Dom Giussani desejosas de entendê-las e descobri-las de novo. Como ele diz: «Somente na clareza e na segurança o homem encontra a energia para a ação» («Passos de experiência cristã» em L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Companhia Ilimitada, São Paulo, 2006, p. 143). Clareza e segurança, observem que estas palavras são o motivo pelo qual estamos aqui esta noite, gratos por Davide estar conosco para podermos fazer perguntas a ele.

Para que serve uma Assembleia neste período tão agitado de fim de ano? Pois bem, ela pode não ser nada ou ser um ponto decisivo para começar ou recomeçar. No fundo, cada um se empenhou para estar aqui – ainda que online – só porque espera alguma coisa da qual começar ou recomeçar. Tudo depende de você: pergunte-se se está aqui porque não sabia para onde ir ou porque espera alguma

¹ Na Itália o ensino médio dura 5 anos, dos 15 aos 19 anos, e o estudante pode escolher por um “Liceu”, onde a formação acadêmica é clássica e prepara o aluno para entrar na Universidade, ou um “Instituto”, em que a formação é científica, técnica e profissional e prepara para o ingresso no mercado de trabalho ao final do curso.

² «*Haja o que houver eu estou aqui, / haja o que houver, espero por ti; volta no vento, ó meu amor, / volta depressa, por favor. // Há quanto tempo, já esqueci, / por que fiquei longe de ti; / cada momento é pior, / volta no vento, por favor. // Eu sei quem és pra mim, / haja o que houver, / espero por ti*» («Haja o que houver», de P.A. Magalhães, Madreus).

coisa. Por que você está aqui? O que você busca? O que você busca na nossa amizade? O que lhe aconteceu nos últimos meses? O que você espera das pessoas sentadas ao seu lado? Que caminho quer fazer para alcançar o ideal a que sua vida aspira desde que você se levantou esta manhã? Para iniciar nosso diálogo, escolhemos algumas das mensagens que chegaram, identificando quatro temas. Vamos começar com o primeiro tema, que apareceu em muitas mensagens. Podemos resumi-lo assim: o desafio do presente. É possível viver a circunstância, a circunstância de hoje, a circunstância das últimas semanas, como protagonistas e não esmagados pelas dificuldades?

Oi, estou no quarto ano e estudo num colégio bastante exigente. No verão passado reprovei em Física, coisa que recebi muito mal, como um fracasso do qual me envergonhava um pouco e do qual eu queria que o menor número possível de pessoas soubesse. Só depois entendi que estava errada. Na realidade, não era nada tão grave, embora às vezes eu me esqueça disso. O fato é que eu contei a algumas pessoas e, num momento de crise, um amigo me disse: «Por que você não muda de escola? Se esse ambiente faz você se sentir assim, por que você fica lá?». Sem pensar, respondi com um «não» seco. Achei que o assunto estava encerrado, mas a pergunta dele ficou na minha cabeça o ano inteiro; e este ano também foi bastante desafiador e, apesar de estar estudando temas de que realmente gostava, precisei renunciar a muitas coisas e meu caráter emotivo não me deu um minuto de trégua. Eu me perguntava: «Vale a pena fazer todos esses sacrifícios?». Alguns meses atrás, durante uma semana em que o estudo estava muito pesado, comecei a chorar no banheiro da escola e uma garota se aproximou para me fazer companhia. Depois de falar um pouco, disse a ela que estava num período cheio de coisas para fazer e que eu estava me sentindo um pouco sufocada. Então, ela me disse que o quarto ano é um pouco uma armadilha, como se dissesse que agora era tarde demais para mudar, que não convinha, que seria melhor me manter firme e seguir em frente. E, assim, surgiram novas dívidas: «Será que é este o caso? Estudo nesta escola só porque é tarde demais para mudar?». Não acredito que seja assim, ou pelo menos não quero que seja. Quero estudar nesta escola porque eu sei que é um ambiente de pessoas que querem estudar, porque os professores fazem com que eu me apaixone pelas matérias que ensinam e porque os meus esforços são recompensados. Ao mesmo tempo, porém, sei que viver a escola com a angústia com que a vivo, que renunciar a dormir as horas de sono de que precisaria e a participar das reuniões dos Colegiais, não vale a pena. Por isso, reconheço que, para aproveitar melhor a escola e, conseqüentemente, todo o resto, preciso mudar. E, então, quero perguntar: como faço para que essa mudança aconteça? Como posso me libertar dessa armadilha e fazer com que as minhas renúncias, que certamente devo diminuir, sejam recompensadas? Como não ser esmagada pelo estudo tendo em vista o último e, imagino, desafiador ano que me espera?

Olá a todos. Como de costume, no início do ano tentei planejar tudo para me preparar para os exames finais. Mas, a uma certa altura, as coisas começaram a não acontecer no tempo que eu tinha programado. Além disso, as pessoas próximas a mim já tinham escolhido a Universidade, e eu me sentia atrasada em relação a todos. A partir de fevereiro eu entrei numa espiral de apatia e me sentia muito confusa, a única certeza que me restava era que depois da Formatura eu iria morar fora porque aqui eu não ficaria sob hipótese alguma. Mas isso não era suficiente para mim, eu estudava muito, mas com um grande desânimo; chegou um momento em que eu precisava entender qual faculdade era a melhor escolha para mim, mas, quando fui me inscrever para a prova de admissão, descobri

que as vagas disponíveis naquela Universidade tinham acabado. Passei dias muito tristes, parecia que tudo estava contra mim e que talvez eu estivesse tomando decisões erradas. Então, tentei arregaçar as mangas, fiz outras provas e tirei a carteira de motorista. Meu único objetivo continuava sendo terminar a escola e ir embora daqui o mais rápido possível. Depois, pensando no pós-escola, na vida, nas escolhas e nas dificuldades e vendo o fim desse percurso cada vez mais próximo, pela primeira vez comecei a sentir um grande aperto. Sentia como se tudo fosse demais para mim, desproporcional. Então, aconteceu uma coisa: uma noite vi na TV uma reportagem sobre uma jovem ucraniana que teve as pernas amputadas, mas que ainda assim tinha decidido se casar. Eu via a imagem do seu noivo segurando-a nos braços e eles dançavam no hospital com um largo sorriso, e esse fato me despertou, me fez ver que as situações podem não me reduzir, não me esmagar e que talvez as coisas não sejam demasiado para mim.

Davide Proserpi. Olá a todos. Começo respondendo ao que a primeira amiga disse. Acho que o momento que vocês estão vivendo é um dos mais bonitos da vida, pelo menos para mim foi assim, tenho essa lembrança. O período em que terminamos o ensino médio e precisamos escolher o que vamos fazer depois – seja ir para a Universidade, trabalhar ou sabe-se lá o quê – é muito denso, como as duas primeiras colocações já nos lembraram, e como cada um de vocês sabe bem, porque está vivendo isso. É muito denso porque acontecem simultaneamente duas coisas grandes: por um lado, há o prazo para os exames finais que, inevitavelmente, vivemos como um objetivo, é claro, com a justa preocupação de como irão correr e a fadiga da preparação; e a coisa bonita é que ninguém consegue não se importar: mesmo que a pessoa tenha estudado sem vontade durante quatro, cinco anos, ou tenha sempre tirado dez em tudo, ninguém consegue não dar importância a este momento. Por que razão digo que é uma coisa bonita? É uma coisa bonita porque é uma graça quando acontecem momentos assim na vida. Quando há circunstâncias que nos obrigam a ser sérios diante da vida, são momentos de graça porque marcam uma maneira mais verdadeira de estar diante de todas as coisas. Porque percebemos que não podemos governar a realidade ao nosso bel prazer, que as coisas não são como queremos, elas não acontecem como queremos. Temos de enfrentar uma realidade que é maior do que nós, mas desejamos nos empenhar por ela. Sentimo-nos, de algum modo, obrigados, recrutados a nos empenharmos por ela.

Por outro lado, este é o segundo motivo, tudo isso acontece paralelamente a uma escolha (o que fazer depois, o que vai acontecer?), a um desafio importante, porque sentimos a urgência, não apenas de fazer a escolha certa, mas da felicidade. O medo que podemos sentir ao pensar que podemos fazer a escolha errada é porque temos medo de que nossa felicidade ou infelicidade possam depender disso. Em suma, entendemos que uma coisa grande está em jogo. Então, é um momento muito importante.

Sobre a questão do fracasso de que a primeira amiga falou, quero fazer duas observações: eu entendo o que você disse, mas precisamos compreender qual é a raiz desse sentimento que podemos ter. Quando as coisas dão errado, quando falhamos em alguma coisa e nos sentimos mal conosco, além da decepção pela coisa em si, às vezes também nos sentimos mal em relação aos outros. Por quê? Porque vivemos isso como um fracasso, mas em si o fracasso nunca é um problema, não é isso que nos assusta. O que nos assusta, amiga, não é só o fato de termos fracassado, mas que o nosso fracasso signifique que somos uns fracassados, que ter fracassado em algo, de algum modo, coloque em dúvida a grandeza para qual nos sentimos feitos. Quer dizer, que reduza o horizonte das nossas expectativas humanas – «eu não sou capaz», «os outros vão me olhar assim» –. Mas a experiência do

fracasso é exatamente o contrário e temos muitos testemunhos disso, inclusive de pessoas que perdem tudo e, ainda assim, recomeçam. Ela contou, antes, sobre aquela jovem ucraniana. Como é possível uma coisa como esta? É possível porque até o fracasso dá origem a um pedido, ou seja, torna-se um olhar de compaixão para conosco, damos-nos conta de que somos pequenos, de que não somos nós, com as nossas forças, que fazemos a nossa grandeza. A nossa grandeza só pode ser dada a nós por Outro.

Com isto respondo à segunda pergunta que você fez e ao que a segunda amiga disse, e o faço contando um episódio do Evangelho muito conhecido de todos. Quantos de vocês já estiveram na Terra Santa? Alguns, poucos, sobretudo adultos. Bem, eu sugiro que vocês vão, porque entendemos melhor muitas coisas, entendemos a concretude das coisas que lemos nos Evangelhos, as coisas que ouvimos de Jesus, quando as vemos. Por exemplo, quando passei por Caná, lembrei-me de um episódio do Evangelho (com efeito, em Caná aconteceu o primeiro milagre de Jesus) sobre o qual sempre me perguntei – quando eu tinha a idade de vocês e esse Evangelho era lido, sempre me perguntava –: «Por que Jesus, que abriu os olhos ao cego de nascença, fez os aleijados se levantarem de seus leitos, ressuscitou um morto, fez milagres poderosos, por que realizou como primeiro milagre – é o primeiro que o Evangelho narra – a transformação da água em vinho?». Com todas as coisas que eram necessárias, com todas as dificuldades que as pessoas tinham, transformou água em vinho? É um desperdício. Toda a energia de Deus concentrada numa coisa tão banal, porque não tinha mais vinho na festa de casamento. Porém, quando vamos a Caná, entendemos, porque quando vemos as casas dos judeus, sobretudo daqueles que eram um pouco mais abastados, todas possuem um quarto para as abluções. Na parte inferior, havia uma espécie de piscina dentro da casa que não servia para tomar banho, mas para se lavar. Por quê? Porque a pessoa devia se purificar. Por exemplo, antes de comer, a pessoa precisava se purificar para deixar de ser impura, e a água era um pouco a tentativa do homem de se elevar a Deus, ou seja, de se purificar. Ou seja, o nosso esforço é para conquistar a grandeza para a qual nos sentimos feitos, enquanto o vinho, na antiguidade – quem fez o *Liceu Clássico* sabe disso melhor do que eu – era considerado o néctar dos deuses, e para os judeus também era um dom de Deus, um sinal do amor de Deus.

Então, o que aconteceu? Aconteceu que, num determinado momento da festa o vinho acaba, e a mãe de Jesus diz: «Não tem mais vinho! Eles ficaram sem vinho», o que também significa: não há mais amor, eles não experimentam mais o amor de Deus, estão tão envolvidos com sua tentativa de se elevarem a Deus com o próprio esforço, com a própria ética, com as próprias energias, com a tentativa de se purificar, de se tornarem cada vez melhores aos olhos de todos, que não reconhecem mais que Deus os ama e isso torna a vida deles vazia de amor. A vida se torna o sentimento de um fracasso contínuo, porque percebemos que a força para nos elevar a Deus é limitada, nós não a temos. O que Jesus responde? «O que há entre mim e ti, ó mulher? A minha hora ainda não chegou» (Cf. Jo 2). Vocês já se perguntaram por que Jesus disse isso? Porque é claro que, se Ele fizer aquele gesto – transformar a água em vinho –, vai declarar a todos quem Ele é, porque só Deus pode realizar aquilo que o homem não pode fazer com as próprias forças: alcançá-Lo.

O homem pode tender para Ele, mas só pode chegar a Ele por meio de um dom gratuito, na experiência de um amor gratuito, total: «Eu te amo assim como és. Tu tens valor para mim, assim como és». Então Jesus realiza aquele gesto e, ao realizá-lo, dá gratuitamente, diz: «Aquilo que vocês tentam fazer com as suas forças, vocês que são tão incapazes de realizar, tão insuficientes, mesmo com toda a energia que empregam nisso, eu trago para vocês, eu o dou a vocês e eu o dou

gratuitamente. Sou Eu». E, então, a experiência que fazemos do limite, da dificuldade, dos fracassos contínuos, se torna gratidão infinita pela gratuidade com que Cristo nos dá Seu amor, ou seja, nos dá aquilo que nós queremos obter sem o conseguirmos! A estima que gostaríamos de receber dos outros. O reconhecimento que gostaríamos de ter dos outros. O fato de nos sentirmos valorizados pelo que pensamos de nós mesmos e por aquilo que gostaríamos de ser.

Tudo isso nos é dado gratuitamente. E onde fazemos experiência disso? Dentro de uma companhia, ou seja, num lugar onde somos olhados, estimados, amados não pelo que pensamos valer, mas por muito mais! Por aquilo que somos, por aquilo para o que somos feitos. Estar aqui juntos é a promessa de que este amor se realizará na nossa vida, que este juízo de grandeza, este bem para o qual nós nos sentimos feitos se realizará na nossa vida.

Olá a todos. Uma frase que marcou de maneira muito forte o meu caminho de fé recentemente e que a escolha para o futuro torna ainda mais ardente é: «Lancem as redes do outro lado». Como diz Giussani em É possível viver assim?: «Nossas palavras [...] primeiro penetram no cérebro e, por isso, não querem dizer ainda quase nada, mas depois penetram no coração e então começam a querer dizer algo» (L. Giussani, É possível viver assim?, Companhia Ilimitada, São Paulo, 2008, p. 164). Eu fui percebendo cada vez mais com a mente e com o coração a verdade do que dizemos, também senti a chama de uma experiência viva e sólida em Cristo, mas ainda percebo em mim uma certa resistência em me entregar a Deus, em dar a minha vida. O que me detém? Este ano eu vi e ouvi vários testemunhos de pessoas que deram a vida a Cristo, e eram as pessoas mais felizes. Cresce em mim o desejo, a exigência de ser como elas, de dar cada hora a Ele, mas como? Por que todos os dias tendo a reduzir o desejo infinito de grandeza e de santidade que carrego no coração?

Prosperi. Olha, vamos fazer o seguinte, em vez de começar do final, vamos começar do início. O início não é o medo de perder o desejo que você tem, o início é que você tem esse desejo. É isso o que faz a diferença. Por que alguém tem medo de perder alguma coisa? Porque ela é importante. Se você gosta de uma garota, por que tem medo de perdê-la? Porque ela é importante para você. Então, a primeira questão que o seu sentimento te coloca é pensar no que é este desejo que arde em você.

O desejo de grandeza, o desejo – como você disse – de santidade, desejo de santidade, ou seja, de grandeza – é a mesma coisa – que você sente, nasce da experiência que viveu até agora. A experiência que você viveu o levou a reconhecer aquilo de que o seu coração é feito, porque você poderia fazer uma experiência completamente diferente e não ter esse desejo e, portanto, também não teria medo de perdê-lo.

Então a primeira questão é ser grato pela experiência que o levou a esse reconhecimento, desse modo você já indicou o caminho para entender como não perdê-lo: permanecer ligado a essa experiência! Você precisa permanecer dentro do que começou a fazer despontar no horizonte dos seus dias aquilo para o que você é feito.

Além do mais, temos pressa de encerrar a questão, ou seja, queremos saber como vai terminar. O gosto, ao contrário, está em jogar, quando a aventura está se realizando. Então, o problema da vida não é fechar o desejo, não é saber como vai terminar – isso nós veremos –, porque essa é a beleza da vida, essa é a beleza da aventura. Quer uma sugestão? Não se afaste da experiência que o levou a desejar as coisas que você disse, porque essas coisas são verdadeiras. Talvez a vida as coloque em discussão, com certeza vai colocar em crise as coisas que você está dizendo, de um modo ou de outro, com as provas que lhe dará, talvez já as tenha dado, não sei, mas você já tem marcado o caminho para

enfrentar qualquer crise. Quando nós fazemos um encontro no qual se delineia o horizonte de uma definitividade e entendemos que fomos feitos para nada menos do que isso, então não precisamos nos preocupar com o que quer que possa acontecer. As coisas vão acontecer, de qualquer maneira. Mas tudo o que acontecer confirmará, tornará cada vez mais verdadeiro, mais profundamente verdadeiro aquilo que fez você descobrir a verdade de si, da sua humanidade.

O caminho está diante de você, e as provas não serão – por assim dizer – o sarrafo para medir em que nível está sua fé, quão santo ou quão grande você é. As provas serão a maneira com que Deus o fará crescer na fé e, assim, você poderá entender cada vez mais a que você está apegado na vida. E o tornarão cada mais forte, se você não perder de vista a origem da sua experiência, se você não se afastar dela.

Barberis. Davide já começou a tocar no segundo tema, quando disse: «O início não é o medo de perder o desejo que você tem, o início é que você tem esse desejo», e daí nasce a gratidão por esse desejo que nada pode esmagar. O segundo tema é a incógnita do futuro, se é possível enfrentar o risco do futuro sem medo.

Oi. Nestas últimas semanas estou tendo um pouco de dificuldade porque me parece que o mundo em que vivi nos últimos anos, que é como uma casa para mim, daqui a dez dias vai desaparecer e ficarei sem nada nas mãos. Tenho medo de que, com a mudança das circunstâncias, as minhas certezas, entre os professores, os colegas de classe, os calouros se percam. Este ano, sobretudo, foi uma descoberta maravilhosa, entre as amizades que nasceram com colegas de classe que eu nunca tinha considerado, o grupo que se tornou um ponto sólido, os sábados de estudo com amigos e um professor e os jantares na casa de um dos nossos amigos padres. Tenho pontos sólidos nos quais posso apostar tudo, mas eles não me tiram o medo. Nestes dias, tenho percebido mais do que nunca que me falta alguma coisa, tenho um desejo gigante, em primeiro lugar, de viver bem esse último período da escola, estudando com os amigos e, depois, no ano que vem, na faculdade, porque, pensando na beleza que eu vi aqui na escola e em Dergano, não posso desejar menos do que isto. Tenho muito medo de não encontrar esta beleza e não consigo confiar plenamente no fato de que o que virá seja pensado precisamente para mim.

Prosperi. Onde você estava três anos atrás?

Aqui.

Prosperi. Você poderia imaginar que hoje você poderia estar dizendo estas coisas?

Não.

Prosperi. Por quê?

No início do ensino médio, sobretudo no primeiro ano, demorei um tempo para me adaptar, também em relação às amizades. Eu esperava, eu desejava, embora não imaginasse aquilo que, depois, vi e experimentei nas amizades. Então, não.

Prosperi. Justamente. Você esperava – é muito justo o que ela diz, está sendo muito sincera –, mas ainda não via o que poderia acontecer, certo?

Sim.

Prosperi. O que isso significa? Você não sabia como, mas aconteceu. Ou seja, agora você pode dizer essas coisas, mesmo que há três anos você não as imaginasse, pelo seu modo de ser, pela sua personalidade, pelas dificuldades que tinha, etc. Você não podia imaginar, mas aconteceu. Isso

significa, em primeiro lugar, que não somos nós que governamos a nossa vida e o nosso destino, mas certamente o nosso desejo é como uma bússola que nos orienta quando o destino aparece no horizonte da nossa vida. Você foi capaz de reconhecer aquilo que era para você. Conseguiu se ligar às amizades verdadeiras que agora você não quer perder, conseguiu apostar, arriscar, sendo como é, com o seu temperamento, com as suas características, com os seus méritos, suas dificuldades, com tudo o que você é, conseguiu apostar numa experiência que lhe parecia fascinante. A ponto de fazê-la atravessar a cidade porque via que era fascinante, e isso mostra que o seu desejo a levou muito além do que o cálculo das suas forças a levariam. Porém, atenção, porque agora é preciso dizer uma coisa importante. O que há de diferente agora em relação a três anos atrás? Você saberia dizer isso? Diga!

Não, talvez, se antes...

Prosperi. Um sorvete duplo, se você acertar; brincadeira!

Talvez antes eu prestasse menos atenção ao fato de que eu não era realmente feliz, ao passo que agora sei quais são as amizades que me ajudam, e se não as tenho, percebo.

Prosperi. Muito bem! Sim, você fez experiência disso! Essa é a diferença. Então, se você fez essa experiência – atenção –, você disse: «Tenho medo de perder isso», mas antes ainda de dizer: «Tenho medo de perder isso», você tem a certeza de ter feito essa experiência! Você tem a certeza de que o que o seu coração deseja existe! Antes era algo que você sentia que era desejável, de um modo meio confuso. Agora você sabe que existe! Tem rostos, faces, colegas, amigos, uma experiência de estudo, de sucessos e de insucessos. Você está dentro de um caminho. Então, esse caminho que você começou é feito de rostos, faces, é um ambiente, uma companhia, que nós chamamos de “Movimento”, são relacionamentos, nos quais você vê que pode ter dificuldades no estudo, dificuldades em viver algumas relações que podem ser mais difíceis, mas que ajudam você em tudo. Isso existe, e não deixará de existir quando você deixar a escola. Existe, primeiro, porque existem esses relacionamentos, então, a primeira coisa que lhe digo é: «Comece daí», porque sempre começamos do ponto de certeza que temos. Depois, a partir daí, seguramente nascerá e crescerá muito mais, porque isso é um início. E você vai ver que isso a tornará ainda mais segura e mais feliz.

Eu sou professor universitário. Quando escolhi a faculdade, comecei a fazer Química, mas nunca pensei em me tornar professor universitário, porque depois do segundo ano eu queria desistir, não aguentava mais. Química é muito difícil (está aqui uma amiga que se lembra bem), eu estava numa crise e queria ser guia de montanha. Fiquei firme – alguns amigos me ajudaram – mas, a certa altura, eu estava quase decidido (eu não tinha contado aos meus amigos, porque não queria que me convencessem do contrário) a desistir. Mas justamente naqueles dias, era 1994, fui aos Exercícios dos Universitários e vi Dom Giussani pela primeira vez de perto, e o ouvi falar. Foi realmente um acontecimento: naquele dia entendi que eu não queria viver para nada menos do que aquilo de que aquele homem falava. A partir daí, comecei a tentar encontrá-lo. Demorei um ano porque era muito difícil se aproximar dele, a sua doença estava no início. A partir daí, nasceu uma relação. A coisa extraordinária é que depois daquele encontro voltei a me entusiasmar pelo estudo. Antes, o entusiasmo era apenas pelo lugar onde eu podia estar com ele e com aqueles que estavam com ele, ou seja, pela experiência que havia em torno dele e que para mim era tão fascinante. Depois, comecei a me apaixonar novamente pelo estudo, tanto que fiz doutorado, e agora sou professor universitário, e não porque eu tenha escolhido isso desde o início, mas pelas circunstâncias da vida.

Tudo isso é para dizer que quando acontece um encontro na vida, entendemos que algo mudou. Descadeia-se alguma coisa – cristãmente se chama «acontecimento», o acontecimento é algo que

se dá – que não tínhamos previsto e que nos muda, muda-nos definitivamente. E mesmo que vamos embora, já nos mudou de qualquer modo. Quando isso acontece, a vida se orienta; assim como aconteceu comigo, e também com você, a vida se orientou, então você não precisa ter medo.

Obrigada.

Estou no quinto ano e queria falar sobre os últimos meses que, para mim, foram muito especiais. Estive rodeada de amigos que estavam completamente envolvidos na busca do seu caminho para a Universidade. Eu os via todos atentos para perceber, a partir de qualquer coisa, de cada aula, de cada tarde de estudo, de qualquer encontro, o que faria sentido para eles no próximo ano. Fiquei muito impressionada em vê-los crescer pouco a pouco na consciência, a ponto de quase invejá-los, pois eu tinha feito um percurso completamente diferente, porque eu tive a “sorte” – na verdade, não sei é uma sorte – de ter cada vez mais clara e segura a minha opção inicial por Medicina, que se confirmou como escolha definitiva, graças a encontros e experiências nesse campo. Porém, a questão que mais tem me incomodado nos últimos meses chegou num segundo momento, logo depois da minha escolha: todos sabem que as provas de admissão para este curso são muito difíceis, e é ainda mais difícil passar em Milão. Com relação a isso, vivo uma constante dicotomia porque sou muito racional e concreta e sei que o fato de poder ser reprovada, hipoteticamente reprovada, não deveria ser um drama, e que, portanto, seria ilógico e insensato pensar nisso como um fracasso e transformá-lo, em seguida, num juízo pesado sobre mim mesma. Por outro lado, inevitavelmente esse processo se desencadeia em mim quando há um obstáculo no meu caminho, seja em relação a uma amizade, na escola, mas muitas vezes também na família: é imediato eu sentir um peso esmagador e ficar, não digo atormentada (atormentada talvez seja um pouco demais), mas tomada de questionamentos sobre mim – «será que isso aconteceu porque eu não estou à altura, ou talvez porque haja algo errado comigo?» –. É extremamente difícil sair desse poço que eu cavo sozinha, porque me sinto sobrecarregada por mil questões, e ainda mais sabendo que essa não é a forma certa de ver as coisas. Sabendo que esse mecanismo está errado, esse juízo começa a crescer e é um círculo vicioso que me sufoca. Dito isso, sou muito grata, extremamente grata aos meus amigos, e não porque consigo sair disso graças a eles, mas porque eu vejo a atenção deles, vejo como me olham. Por outro lado, digo a mim mesma que precisarei conviver comigo a vida inteira e gostaria de aprender a olhar pra mim do mesmo modo, mas não consigo.

Prosperi. Não só isso, pense que provavelmente você vai encontrar um rapaz que terá de conviver com você a vida inteira!

Coitadinho, tenho pena dele...

Prosperi. Brincadeiras à parte, é uma coisa complexa, então, é preciso entender como enfrentá-la, mas, honestamente, não me parece algo tão ruim. Sinceramente, acho que as coisas que você está dizendo são coisas que qualquer pessoa pode pensar. É justo, é normal que você tenha medo de não passar no exame, por aquilo que dissemos antes, porque é importante para você. O medo – é preciso que isso fique claro – não é um sentimento primário, é um sentimento secundário que surge como consequência do desejo, do fato de que você deseja uma coisa e, então, tem medo de não conseguir obtê-la, ou tem medo de perdê-la se você já a tem. Por quê? Porque é o sinal do quanto uma coisa vale para você. Um homem, uma mulher, uma jovem, em si, é uma unidade, então você não consegue separar os sentimentos primários dos sentimentos secundários. Nós somos um todo que é uno, então, você não está errada por sentir esse medo. Qual é o ponto? O ponto é que você deve decidir em que

apostar. E apostar – essa é a única palavra que podemos usar neste caso – significa que você não pode saber qual será o verdadeiro resultado. Apostar significa que é preciso arriscar.

O problema se torna, então, por que vale a pena arriscar, entende? Concretamente, o que significa arriscar? Significa que você precisa dedicar o seu tempo, que poderia empregar em outras coisas, para estudar, para se preparar para a prova, para pedir ajuda aos amigos, para pesquisar sobre os tópicos do exame, para frequentar um cursinho; e depois fazer a prova, que pode correr bem ou mal. Pode correr bem em Siracusa, na Sicília (você precisa estar disposta a ir até Siracusa, por exemplo) e lá, dependendo de como as coisas correrem e dos sinais que lhe serão dados, você será chamada, e não só uma vez. Talvez tudo corra bem na primeira tentativa de entrar na Universidade de Bicocca, em Milão – espero que sim, porque você virá para Bicocca –, talvez não, talvez você precise decidir entre várias opções e toda vez você vai se deparar com a mesma questão. Mas isso é uma coisa boa, porque todas as coisas mais importantes da vida que podem nos dar sempre mais, que podem nos tornar cada vez mais seguros e nos dar cada vez mais certeza, implicam o risco da nossa liberdade.

Não é um mecanismo que nos torna certos do bem de alguma coisa que escolhemos. Você tem namorado?

Não.

Prosperi. Se você encontrar um namorado, ou se decidir outra coisa na vida, o que quer que decida, qualquer que seja o seu caminho, chegará um momento em que você vai sentir de forma dramática essa questão. Seja qual for o seu caminho! Poderia até ser o rapaz mais bonito de todos, que todas querem, e que escolheu você! Pense um pouco, com o que você disse, se diria: «Não, porque é um risco». O risco é fundamental para podermos adquirir mais certezas, pois as certezas mais importantes da vida são as certezas afetivas, ou seja, envolvem uma ligação, uma aposta de si. Isso faz parte do método que nos torna certos, senão nunca seremos convencidos e, na primeira curva, mudamos de ideia. Então, esta é uma bela ocasião: jogue-se, tente, depois, dependendo de como as coisas correrem, você decide como orientar a questão.

Depois eu lhe conto.

Barberis. Vamos passar para o terceiro tema, que é sobre o drama da escolha, como escolher entre duas coisas que fascinam.

Oi, estou no quarto ano de carpintaria. Recentemente terminei um estágio no qual me saí muito bem e onde percebi que gostava muito da profissão para a qual estou estudando. Antes desse estágio, tinha ideias muito claras sobre o que iria fazer no futuro, ou seja, continuaria estudando e iria me especializar na minha área, mas depois desse estágio e de uma proposta de emprego futuro, a minha ideia deixou de ser tão clara e fiquei dividido: continuar estudando ou trabalhar. Então, a minha pergunta é: como faço para escolher, já que eu gostaria de fazer as duas coisas?

Prosperi. Muito bom! Em primeiro lugar, parabéns por sua escolha. Conheço um carpinteiro que fez milagres... e desejo que você faça o mesmo!

Barberis. Agora eu entendi, porque eu realmente tenho um amigo carpinteiro, e pensei: “Mas que milagres ele já fez?”. Ha ha ha...

Prosperi. Minha filha deve estar afundando na cadeira, porque eu faço essas piadas à mesa! A resposta à sua pergunta é bastante simples, mas perdoem-me se antes eu contar uma coisa que acho que também pode ajudar aqueles que estão em pânico porque ainda não decidiram o que fazer depois.

Ao contrário de você, eu não sabia o que fazer, ou melhor, sabia, mas a minha escolha era realmente muito fraca de razões. Eu queria fazer engenharia, e queria fazer engenharia por uma razão muito material. Como eu perdi meu pai quando era muito pequeno, vivi toda a minha infância e juventude sempre me esforçando. Tenho um irmão que é um literato do mais alto nível, era claro que ele faria Letras e não teria dinheiro, depois, acabou se tornando padre – imaginem – e, então, eu disse: «Vou fazer algo que pelo menos me dê dinheiro, pelo menos haverá alguém na família que ganha bem». Naquela época, um engenheiro ganhava bem e eu me sentia bastante inclinado. Mas eu também tinha uma grande paixão pelo alpinismo radical, fazia coisas meio malucas: aos sábados, depois da escola (ia para a escola com a corda na mochila), eu pegava o trem com alguns amigos e ia praticar alpinismo. No último ano eu treinei durante o inverno inteiro para escalar uma nova rota na parede sul do Cervino. Você já esteve em Cervinia?

Não.

Prosperi. Mas você sabe o que é o Cervino, não sabe? De qualquer forma, era uma parede muito difícil e por isso eu tinha treinado duro durante todo o verão. Efetivamente, eu não sabia se queria fazer Engenharia; eu também, assim como a amiga que falou antes, estava preocupado com a prova de admissão, mas eu disse a mim mesmo: «Tudo bem, vou estudar para a prova». Depois da formatura, fui à peregrinação a Czestochowa com meus amigos para pedir a Nossa Senhora para clarear minhas ideias sobre o que fazer. Depois da Peregrinação, saiu a data da prova – estávamos na metade de agosto –. A prova estava programada para um dos únicos três dias em que a meteorologia previa tempo estável, logo em seguida começaria o outono e o ano teria terminado. Então, me vi diante dessa dúvida terrível: «O que eu faço? Vou escalar a parede Sul do Monte Cervino (que era minha paixão) ou vou fazer a prova para Engenharia (que era a coisa certa a fazer)?». O que você teria feito? Teria ido para o Monte Cervino? Foi exatamente o que eu fiz, fui ao Cervino e não fiz a prova para Engenharia. Vocês já sabiam a minha resposta, porque eu disse antes que fiz Química. Depois do Cervino eu tive de decidir o que fazer, e eu não sabia bem o quê. No fim, eu escolhi Química, que se tornou o caminho da minha vida. E estou muito feliz por ter feito essa escolha.

Tudo isso para dizer duas coisas: primeiro, vocês não devem pensar que a felicidade ou infelicidade de vocês depende apenas das suas escolhas, porque, se fosse assim, significaria que o nosso destino depende totalmente de nós, quando, em vez disso, tudo o que dissemos esta noite documenta exatamente o oposto, ou seja, que há Alguém que nos ama, que nos ama em todos os momentos e, portanto, cada momento é uma ocasião para dizermos a nós mesmos: «Este é o seu lugar». Não estou dizendo que não devemos levar a sério as escolhas que precisamos fazer, pelo contrário, devemos levá-las ainda mais a sério, porque elas são o modo como pedimos a esse destino que nos mostre o caminho e nos realize. E quanto mais alguém se compromete com o próprio desejo, com as próprias paixões, com as próprias perguntas, quanto mais alguém se compromete com essas coisas, tanto mais estará atento aos sinais que lhe são dados para perceber qual é o caminho mais adequado.

A segunda coisa é não subestimar as suas paixões, suas boas paixões, obviamente não entendidas no sentido instintivo do termo. As suas paixões no sentido daquilo que move você, daquilo que você entrevê como uma possibilidade de realização. Lembre-se sempre de que é uma tentativa, será sempre uma tentativa. Se der errado, terá sido ainda assim uma tentativa e ter tentado deixará mais claro o que é mais apropriado para você e, assim, poderá seguir em frente. A sua situação me parece simples porque você tem as duas paixões – você entendeu que quer estudar, mas gosta de ser carpinteiro –: você pode continuar estudando e, se em algum momento, decidir que não quer mais, pode ser

carpinteiro. Ou, termine seus estudos e será um carpinteiro que estudou mais, então seguramente fará coisas que talvez não pudesse fazer sem ter estudado. Por isso, você não tem nada a perder se continuar estudando, a menos que tenha uma necessidade objetiva que o obrigue a começar a trabalhar.

Se alguém tem uma necessidade objetiva, deve levar isso em conta, porque os critérios para a escolha são os três citados em *A voz única do ideal*: o complexo de inclinações ou dotes naturais, a que chamamos nossas paixões; a circunstância inevitável, devido à qual uma pessoa se vê obrigada a ir trabalhar porque houve, por exemplo, um desastre familiar; a necessidade da Igreja e do mundo (cf. J. Carrón, *A voz única do ideal. Em diálogo com os jovens*, Paulus, Lisboa, 2018, pp. 21-28). Estes são os critérios objetivos – objetivos! –, incluindo a inclinação, que é um critério objetivo porque não lhe é dada por você, você a tem.

Barberis. Vamos encerrar com este último tema, que é justamente o terceiro critério de que Davide acabou de falar: a necessidade da Igreja e do mundo, portanto, a vida como tarefa. O que significa sermos úteis ao mundo?

Tenho duas perguntas. Sobre o livro A Voz única do ideal, que lemos este ano, não entendo o terceiro critério: a necessidade do mundo. Como devo responder às necessidades do mundo? O mundo não precisa de mim, ele segue em frente mesmo sem mim, aliás, talvez vá até melhor. Certamente não sou eu quem pode ajudar a resolver as necessidades do mundo, os problemas que o atingem, o mundo sempre será o mesmo e com certeza não sou eu quem vai mudá-lo. A segunda pergunta, na verdade, não tem a ver com esse assunto. Por várias razões estou feliz com este último período, com o modo como este ano está caminhando. Junto com essa felicidade, porém, há uma pergunta, uma preocupação persistente: tenho medo de que não permaneça nada daquilo que estou vivendo, de toda a beleza que estou vendo e que, com o tempo, ou com o primeiro “não”, tudo desapareça. Então, eu sempre me pergunto: «O que fica das coisas que me acontecem? Da beleza que vejo, das pessoas que encontro em mim e de mim nelas? O que resiste ao tempo?». Estou terminando o quinto ano, e também me pergunto, sobre a escola: «O que fica desses cinco anos? O que resiste ao impacto da passagem do tempo? O que resiste à finitude das coisas e de mim?». Nada fica, então, onde posso encontrar sempre um ponto sólido?

Oi. Para mim, levar a sério o problema da vida e da sua utilidade é pedir, perguntar. Não consigo mais encontrar forças para seguir em frente com a minha vida. Como posso continuar vivendo o meu dia a dia enquanto na Ucrânia há pessoas morrendo sob o peso de bombas? Como posso estar diante dessa guerra? Talvez tudo tenha um significado, mas eu não consigo mais estudar como antes, não posso mais olhar para um avião no céu com serenidade, tudo se tornou opaco, distante, difícil. Como enfrentar ao mesmo tempo uma pandemia e uma guerra? Como podemos estar diante dessas duas grandes guerras que fazem vítimas como num videogame? Como posso encontrar a mim mesma e à minha felicidade? Qual é o meu lugar nesse caos? Para que eu sirvo? Para que posso servir? O que eu posso fazer? Qual é o meu caminho? São perguntas que carrego há meses, e elas são um obstáculo diante da escolha da minha vocação, dão um tilt na minha cabeça e deixam meu coração enlouquecido. Minha maior ajuda? Deus. Sempre há alguma coisa à minha volta que me desperta. Sempre que vejo um olhar diferente, eu vivo. Toda vez que a minha vida apresenta desafios que

parecem impossíveis de superar e que, depois, supero com tranquilidade, toda vez que O vejo, que O ouço, toda vez que sinto o amor d'Ele, sinto que Deus está comigo e que nunca me abandona. Sinto o amor d'Ele, um amor tão grande, tão infinito que é impossível não retribuir com a mesma força infinita e vê-Lo à minha volta, nas pessoas, nas ações, na minha experiência; isso me dá a força e a vontade de estar diante dessas questões, diante da realidade, diante da minha vida.

Prosperi. Muito bem! Respondo sinteticamente. Muitas vezes, muitos dos nossos amigos já responderam a essas perguntas, por exemplo, um grande amigo meu, não só meu, mas de muitos, também de muitos aqui presentes, que vocês não conheceram porque são muito jovens, mas que podem conhecer através do que se diz sobre ele e dos livros que contam a sua história: Enzo Piccinini. Ele disse duas coisas. Primeiro: «Colocar o coração naquilo que fazemos». Segundo: «É preciso não estarmos sozinhos». E esta – acredito – é uma lei da vida. É bom que vocês percebam que aquilo que nós fazemos é útil, é útil para o mundo, não termina apenas num benefício para nós, mas que é para algo grande, que a nossa vida é para construir algo grande, que sirva a alguém, que deixe uma marca! Nós não nos sentimos dignos disto, achamos que somos muito pequenos, no entanto, desejaríamos que fosse possível. O ponto não é deixar uma marca nos livros de história, mas uma marca no coração das pessoas, deixar uma marca naquilo que fazemos, naquilo que somos, nos nossos amigos, para que a nossa vida tenha uma utilidade, tenha um sentido e estejamos no mundo para alguma coisa.

Então, como responder à necessidade do mundo? Vocês não sabem, eu também não sei qual é a necessidade do mundo, e isso implica que, primeiro, devemos aprender a julgar o que acontece para perceber onde é mais útil, quando possível, empregar os nossos recursos. É mais útil em relação a quê? Em relação ao desígnio de Deus, porque quando encontramos o segredo da vida, e o segredo da vida se chama Jesus Cristo, o propósito da vida se torna colaborar para que a glória de Deus cresça no mundo. Então, onde podemos ser mais úteis? Vocês já sabem? Não. Por isso, é preciso não ficarmos sozinhos, e a partir das nossas inclinações, dentro das circunstâncias que estamos vivendo, perguntemos. Se tivermos uma intuição, uma ideia, um desejo, confrontemo-nos, peçamos a alguém mais velho para nos ajudar a ver, de modo que tudo seja levado em conta, que tudo seja olhado na totalidade dos seus fatores, para que a nossa vida seja – pelo menos como ideal pelo qual começar a fazer as coisas – vivida desde já com uma percepção de utilidade. Que não comecemos nada com a dúvida de que possa não ter nenhuma utilidade.

Barberis. Concluimos aqui. Gostaria muito de lhe agradecer, Davide, pelas coisas que você nos disse, e queria lembrar uma coisa que você enfatizou no início quando falou sobre esta etapa do caminho: «É uma coisa bonita porque é uma graça quando acontecem momentos assim na vida. Quando há circunstâncias que nos obrigam a ser sérios diante da vida, são momentos de graça porque marcam uma maneira mais verdadeira de estar diante de todas as coisas. Porque percebemos que não podemos governar a realidade ao nosso bel prazer, que as coisas não são como queremos». Nós não só ouvimos isso, mas o percebemos e vivemos no diálogo com você esta noite, por isso obrigado.

Prosperi. Obrigado a vocês.

Barberis. Saudações a todos, presentes e conectados. Boa noite a todos.

©Fraternidade de Comunhão e Libertação 2022